

CENAS LOCATIVAS EM CONTEXTO DE MÍDIA IMPRESSA

Avani de Oliveira*
Patrícia Pacheco Hoff**

Resumo: O universo da informação exerce um papel socialmente significativo, pois ele recompõe e constrói a história, utilizando a sua própria linguagem. As *cenas locativas* em textos da mídia impressa, como jornais e revistas servem como base para as teorias de Fillmore (1979), Cook (1989), Nicolacópulos (1997) e Oliveira (1999). Há uma frequência expressiva de verbos locativos tanto na sua esfera prototípica como na metaforizada, essa produtividade é confirmada pelo núcleo temático *o apagão*. A partir disso, inclui-se o detalhamento do processo de metaforização, ou seja, os efeitos que um verbo/predicador pode perspectivar, além de seu sentido básico, para diferenciar as *cenas* com verbos prototipicamente locativos daqueles que contêm verbos/predicadores metaforizados.

Abstract: The universe of information has an important social function, because it builds and rebuilds history, using its own language. The *locative scenes* commonly found in texts in newspapers and magazines serve as a base for the theories of Fillmore (1979), Cook (1989), Nicolacopulos (1997), and Oliveira (1999). There is an expressive frequency of locative verbs, not only in their prototype sphere but also their metaphorical sphere. This productivity is confirmed by the subject matter “o apagão” (blackout). Details of the metaphorical process are included, *i.e.*, the effects that a verb/predicator can cause, besides its basic meaning, in order to differentiate *scenes* which contain intrinsically *locative verbs* from those which contain metaphorical verbs/predicators.

Palavras-chave: cenas; verbos; locatividade; prototípico; metaforizado

Key words: scenes; verbs; locativity; prototype; metaphorical

1. Introdução

A recursividade lexical se manifesta produtivamente e de maneira criativa no discurso do sujeito, em especial naqueles que atuam na mídia impressa, como

* Orientadora do trabalho – bolsa PROPESQ/BIC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

** Bolsista do Projeto – PROPESQ/BIC

jornais e revistas, que, de certa forma, são exemplares fidedignos para representar a dinâmica da língua em uso. Este paper objetiva a análise e a explicitação das *cenias locativas* em contextos efetivos de linguagem, na mídia impressa cujo tema é o apagão, nome dado a atual crise energética em que vive o país, já que foi constatada uma grande produtividade localista nos movimentos semânticos das *cenias*.

Para verificar esta produtividade foram retirados enunciados dos jornais, Zero Hora, Correio do Povo, Gazeta Mercantil do RJ, e das revistas Época, Veja, Istoé, no período de maio a outubro de 2001.

Os pressupostos básicos utilizados como âncora encontram-se nas teorias de Fillmore (1968, 1977) com a criação da Gramática de Casos, Chafe (1970), Anderson (1971) autor da teoria localista, Cook (1989) com o Modelo Matricial, Nicolacópulos (1992, 1995) e Oliveira (1999) através do Modelo Casual da UFSC, todos voltados para mesma abordagem – Semântica Relacional.

A escolha pelo Modelo Casual da UFSC se deu, devido ao seu refinamento a partir do último modelo matricial de Cook, e que contém os casos não localistas, o que difere da teoria de Anderson (1971) uma teoria binária onde tudo se resume em origem e meta. O modelo casual bem como o modelo matricial abrange os casos básicos **A** (agente) e **O** (objeto) e os não-básicos **E** (experimentador), **B** (beneficiário), **L** (locativo), **O** (origem), **M** (meta), **C** (comitativo), **T** (tempo) e **H** (holístico).

Considerando o núcleo temático definido para esta abordagem a teoria de cenias de Fillmore (1979) servirá como referencial de análise para dimensionar os enunciados e apreciar os efeitos de sentido perspectivizados nas cenias e também considerar, para efeitos de interpretação, as nuances de sentido que permanecem no background dessas cenias.

2. Pressupostos teóricos

A Gramática de Casos foi criada em 1968 por Charles J. Fillmore com o objetivo na definição das funções o que na época se opôs a Gramática Transformacional de Chomsky onde a análise das funções sujeito e predicado não era definida profundamente. A Gramática Transformacional se restringia em sujeito como sintagma nominal vinculado diretamente pela sentença e o objeto como sintagma nominal vinculado diretamente pelo sintagma verbal. Com isso Fillmore cria sua teoria de casos profundos como relações sintáticas semanticamente relevantes, aprofundando-se mais na criação de outras funções além de sujeito e objeto, onde explicaria os “papeis dos

participantes” e as suas relações com o verbo.

Fillmore explicita o modelo da Gramática de Casos através das duas séries de exemplos que seguem.

- (1) João deu um golpe em Paulo.
- (2) João recebeu um golpe de Paulo.
- (3) O açúcar carameliza.
- (4) Maria carameliza o açúcar.

Em ambas as gramáticas *João* desempenha a mesma função, é sujeito nas duas orações, e o *açúcar* tendo duas funções diferentes: sujeito na primeira oração e objeto na segunda. Fillmore argumenta que *João* não assume o mesmo “papel” nos dois exemplos, pois em (1) ele faz alguma coisa, mas em (2) ele nada faz, ao contrário, ele recebe a ação de Paulo. Já nos exemplos (3) e (4) o *açúcar* desempenha o mesmo “papel”. Dessa forma, a principal crítica ao modelo padrão de Chomsky é à definição das funções. Todavia, as noções de sujeito e objeto definidas pelas posições dos respectivos Sns (Sintagmas) não determinam os diferentes “papéis” de *açúcar* nas orações referidas. Pois Chomsky classifica as categorias (SN, SV, V, SP) e as funções de sujeito e objeto na estrutura profunda, do que Fillmore discorda.

A outra crítica ao modelo padrão liga-se aos sintagmas proposicionais são constituintes da O (oração) ou do SV (sintagma Verbal). Já Fillmore questiona a introdução direta dos sintagmas proposicionais nas regras sintagmáticas, explicando que os sintagmas preposicionais ou adverbiais de lugar, tempo, etc dominados diretamente pela O (oração), além de não serem distinguidos podem ser considerados tanto categorias, como funções (indicando lugar, tempo); Fillmore propõe, então, que os Sps tenham sua classificação em termos de casos.

A Gramática de Casos se inscreve como semântica relacional que capta a qualidade dos argumentos que completam os lugares vazios em torno do verbo, ou seja, a valência semântica do verbo. Os nomes que estão em relação de associação com o verbo são denominados casos. A valência semântica de um verbo determina o número e o tipo de casos que devem ocorrer com o verbo. Para Fillmore, a informação da função semântica dos sintagmas nominais está na própria estrutura profunda da oração, onde todas as relações sintáticas semanticamente pertinentes são representadas por “etiquetas casuais” ou **casos**.

Com relação aos **tipos de verbos**, Cook (1979, p.203) propõe as seguintes normas para a formação de esquemas casuais: (1) cada esquema casual consiste de

um verbo e um, dois ou três casos; (2) nenhum caso ocorre mais de uma vez no esquema casual, exceto o caso **O**; (3) o caso **O** (Objeto) é obrigatório; (4) os casos **E**, **B**, **L** são mutuamente excludentes; (5) os casos são listados da esquerda para a direita, segundo a hierarquia de seleção do sujeito. Desse modo, os esquemas casuais que resultam da aplicação destas normas constituem uma matriz de tipos de verbos, daí o nome **modelo matricial**. Na dimensão vertical, os verbos são classificados em estados, processos e ações e, na dimensão horizontal, em básicos, experimentativos, benefactivos e locativos¹.

Tipos de Verbos	Básicos	Experimentativos	Benefactivos	Locativos
Estados	Oe ser alto	E, Oe gostar	B, Oe ter	Oe, L estar em
Processos	O Morrer	E, O sentir	B, O ganhar	O, L cair
Ações	A, O Matar	A, E, O dizer	A, B, O dar	A, O, L pôr

Segundo Cook (1979, p. 203-4), os verbos classificam-se, de modo geral, em estados e não-estados. O verbo de estado é semanticamente estático e é definido negativamente como um não-evento (não-acontecimento). Os verbos de não-estado são classificados em processos e ações, os de processo são eventos não-agentivos e os de ação são eventos agentivos². Em seguida, os verbos são classificados de acordo com o campo semântico específico, isto é, em (1) básicos, que se utiliza dos casos **A** e **O**; (2) experimentativos, que incluem o caso **E**; (3) benefactivos, que incluem o caso **B** e (4) locativos, que incluem o caso **L**.

Para Chafe, o aspecto criativo da língua reside na estrutura semântica, segundo ele, o enunciador empreende um trabalho de constituição de significação, já que primeiramente produz a estrutura semântica para depois convertê-la em som e projetá-la em forma de expressividade, daí surgem as boas sentenças. Chafe também defende a centralidade do verbo, ou seja, o verbo rege a natureza dos argumentos que devem acompanhá-lo.

Uma das grandes contribuições de Chafe para a Teoria de Casos diz respeito

¹ Cook (1989, p.196-7) propõe uma matriz revisada com: (1) esquemas casuais com **O** duplo; (2) esquemas causais com diferente escolha de sujeito: ter + [— B, Oe] e pertencer + [— Oe, B], etc.

² Os testes para determinar estados, processos e ações seguem Fillmore (1968) e Anderson (1971). O modelo casual da UFSC segue os testes de Chafe (1970), Cruse (1973) e Nicolacópulos (1981, 92).

aos tipos de verbos; enquanto Fillmore os classifica em verbos de *estado* e de *ação*, Chafe expande essa tipologia criando a noção de *processo*.

3. O processo de metaforização

O processo de metaforização pode ser considerado como via de mão dupla, ou seja, quando o verbo está no seu sentido básico locativo, e se transpõe para um sentido metaforizado, isto é, outro campo semântico criando um novo traço de efeito de sentido devido a assunção de novos traços, e ainda quando o verbo vem de outro campo semântico ou caso para o sentido básico locativo. Com isso a metáfora conota a idéia de transporte, ela carrega o efeito de sentido que se instancia em um determinado campo semântico para outro.

METÁFORA	
Suspensão de traços de sentido	Assunção de novos traços de sentidos
Ex: O menino <i>bateu</i> na porta	Ex: O menino <i>bateu</i> as botas.
<i>Locativo</i> (L)	<i>Experimentador</i> (E)

No exemplo acima houve deslocamento de campo semântico, do campo (L) para o campo (E).

O processo de metaforização materializa a instituição do sentido, obtendo “novos” efeitos, novos significados que são possíveis através da recursividade lingüística e do auditório social de cada comunidade.

A interpretação dessas formações discursivas precisa levar em conta que a expansão do sentido nessa diversidade de tipologias textuais está atrelada ao fenômeno da **metaforização**, que ancora de forma efetiva a **neologia de sentido** porquanto o deslocamento de certos traços, ou mesmo a sua supressão para a assunção de novos traços evidencia exatamente o percurso contextual das informações que os falantes obtêm junto à imprensa e que performam a empatia de suas aspirações.

No âmbito do campo (L) locativo, por exemplo, há uma série de nuances que se manifestam, assumindo efeitos de sentido peculiares, mas específicos; os enunciados a seguir, partilhando de um mesmo campo de referência semântica, servem como exemplo do que pretendo explicitar, retirados do corpus, o verbo/predicador assumirá um efeito de sentido específico, isto é, em cada contexto estará perspectivizada uma das nuances de sentido que esses verbos/predicadores podem subsumir.

3.1. Movimentos semânticos dos verbos locativos

A variação de sentido em âmbito contextual, independente de sua natureza, configura uma dinâmica interacional, a partir da atuação polissêmica e/ou metafórica que se perspectivizam na órbita da *locatividade*. Os enunciados da mídia impressa, na medida em que expressam as ações humanas em nosso cotidiano, asseguram também esse dinamismo, inscrevendo as associações de sentido como coadjuvantes de um processo sócio-comunicativo.

Os episódios que originam as *cenias* enunciativas são por si só empreendedores de movimentos semânticos; o efeito de sentido locativo é inerente ao âmbito noticioso que se atualiza na mídia circulante, como jornais e revistas, pois nesses contextos, são construídas as versões dos fatos, matéria prima da constituição dos enunciados, objetos da análise aqui pretendida.

O modelo casual da UFSC que contém os casos: **A, E, B, O, L, T, C, H**, abriga a dimensão das *cenias*, na medida em que privilegia a interpretação de contextos efetivos da língua em *uso*, aqui representados pelo (con)texto da mídia impressa. A noção de *cenias* flagra uma perspectiva enriquecedora, já que institui a convergência necessária da semântica com a pragmática e com os entrecruzamentos discursivos, revelados através dos ‘fatos’, em especial, de suas *versões*, que assinalam o dinamismo compatível com a idéia resguardada pelo caso locativo.

O empreendimento previsto para esta análise pressupõe os enunciados jornalísticos por se configurarem como exemplário da língua em *uso*; eles são captados através de critérios compatíveis com a perspectiva teórico-metodológica adotada para o trabalho, como: definição de período, seleção do contexto a ser focalizado, constituição do *corpus*, operacionalização dos termos e definição de estratégias, os quais conferem fidedignidade às análises empreendidas.

As *cenias locativas* são instanciadas no modelo casual da UFSC como mediadoras das associações de sentido que expressam a *noção de deslocamento*, isto é, toda a idéia de movimento, de dinamismo manifestada nos enunciados que se inscrevem no núcleo temático definido para esse estudo, a saber: *O Apagão*, será analisada em seu sentido básico – no campo semântico locativo – bem como nos efeitos de sentido que se evidenciam através da metaforização – do campo semântico locativo para os outros campos semânticos e também dos outros campos semânticos em direção ao locativo – pois a metáfora está caracterizada como *via de mão dupla*.

O critério de escolha do núcleo temático amparou-se na ênfase dada pela

mídia em geral, quando da crise energética ocorrida no país; a partir disso, ficou estabelecido o período de maio a outubro do ano em curso para levantamento do *corpus*. A coleta se deu junto aos jornais Zero Hora, Correio do Povo, Gazeta Mercantil do RJ, e às revistas Época, Veja e Isto É. A partir daí, foi implementada a etapa de seleção e classificação com vistas ao processo de análise propriamente dito, o que será devidamente explicitado na seção que segue.

3.2. Análise

(1) “O consumidor cansou de **desligar** aparelhos e, hoje, está a fim de se **desligar** dos problemas.” (Época, 01/10/01)

Na frase 1, o verbo *desligar* assume duas nuances de sentido distintas, o primeiro efeito de sentido é básico locativo, ou seja, ele assume seu significado prototípico de cortar a corrente que faz funcionar, interromper o funcionamento; no segundo caso *desligar* está metaforizado como experimentador, ou seja, seu significado é de desprender-se, perder o contato com, neste caso o consumidor desliga-se da realidade, não querendo mais pensar ou vivenciar seus problemas.

(2) “O governo **atropela** os usuários, em todo o país, devido à crise energética.” (Época, 01/10/01)

Na frase 2, o verbo *atropelar* indica ação-processo, com sujeito agente e com complemento expresso por nome humano, significa desprezar, preterir. O verbo atropelar se metaforiza do campo L para o campo E, a fim de instaurar o efeito de sentido ali perspectivizado.

(3) “Vandeir tirou lâmpadas e desistiu da máquina de lavar, mas não **escapou** do escuro.” (Época, 01/10/01)

Na frase 3, o verbo *escapar* evidencia um refinamento do campo semântico L, pois manifesta a intenção contrariada do sujeito paciente.

Seguem alguns exemplos extraídos da crônica: “*O primeiro apagão a gente nunca esquece*” da Revista Época em 20/05/2001:

(4) ...A Terra, porém, era informe e vazia e as trevas **cobriam** a face do abismo, mas sobre as águas **adejava** o espírito de Deus.

Cobrir: (L-E) indica ação-processo, significa ocultar ou resguardar, encobrir. Verbo prototípico locativo.

Adejar: indica ação-processo, significa perspassar.

Nesta proposição o verbo *cobrir* de origem locativa continua a ser um L enriquecido pela presença de uma figura de estilo que personifica as trevas, dando-lhes a propriedade de causar um efeito de sentido mais refinado. O verbo *adejar*, que aparece no mesmo enunciado, é prototipicamente locativo, embora com nuança de sentido abstrata que lhe é emprestada pelo argumento que segue “o espírito de Deus”, permanece no campo locativo.

5) ...Foi da boca do Criador que *surgiu*, naqueles primórdios, a verba para a primeira hidrelétrica.

Surgir: (L-E) indica processo com sujeito paciente, com locativo apagável significa aparecer, manifestar-se, emergir. Com complemento de origem, significa sair, proceder, provir de.

Prototipicamente locativo, porém neste enunciado ele assume um novo traço de sentido neste contexto como Experimentador, já que se trata de um verbo de comunicação. O efeito de sentido ali produzido compreende algo que surgiu como manifestação da boca do criador.

(6) O Espírito *sopra* onde quer – não cessaram de proclamar santos, teóricos e profetas, tentando consolar-nos de nossa ignorância diante dos sinais celestes, às vezes inescrutáveis ou de complexa decifração na desordem do mundo. Naquelas horas iniciais, porém, o Espírito preferia *soprar* sobre as águas.

Soprar: (L-L) Neste enunciado, o verbo aparece duas vezes: na primeira com complemento expresso por nome concreto não animado, designativo de coisa passível de ser movida por um sopro, significa deslocar, mover com sopro. Na segunda com sujeito paciente expresso por nome abstrato de qualidade e com locativo, apagável, significa tornar-se presente.

Nesta proposição há um enriquecimento polissêmico dentro do próprio campo semântico que reforça o sentido Locativo.

(7) Desde então verba *passou* a significar recursos. E com verba o mundo *encheu-se* de luz.

Passar: (L-B) com sujeito paciente expresso por nome designativo de bens e com dois complementos expressos por nome humano, sendo o primeiro apagável, introduzido por de e o segundo, beneficiário, introduzido por a/para, significa transferir-se por herança ou outro meio. Ele instaura a noção de benefício para as pessoas.

Encher: (L-E) com sujeito paciente expresso por nome designativo de espaço/tempo e com complemento da forma de + nome designativo de luz, som ou odor, significa ficar completamente tomado, ficar impregnado; no enunciado em análise é o que percebemos.

(8) Tudo iluminado, começou o trabalho de avaliação por partes: Deus viu que a luz era boa e *separou* as trevas da luz.

Separar: (L-L) indica ação processo, na forma pronominal, com sujeito paciente e com complemento da forma de + nome. Significa apartar-se, deslocar-se. O enunciado (8) deflagra uma situação abstrata, mas instaura um efeito de sentido que se inscreve no campo L.

(9) Avaliado o desempenho da primeira obra, seguiu adiante, executando uma tarefa por dia até *chegar* ao sexto dia, quando criou o homem.

Chegar: (L-T) com sujeito paciente expresso por nome abstrato, significa sobreviver, indicativo de período, significa iniciar, começar. O efeito de sentido perspectivizado ancora-se na metaforização do campo semântico L para o T, pois configura a noção de tempo.

(10) O certo é que, por cirurgia ou clonagem, para fazer Eva, *retira* um pedaço das costelas de Adão.

Retirar: (L-L) indica ação processo com sujeito agente/causativo e com dois complementos: um expresso por nome concreto e móvel e outro apagável, significa tirar, fazer, sair. A costela retirada de Adão é usada para dar origem à Eva; assim, ocorre um refinamento dentro do próprio campo semântico L.

(11) Tempos incontestáveis se *passaram*, e não é que, justamente no Brasil (...) onde muitos viram o paraíso, dados nossos notórios recursos naturais, que fazem o mundo inteiro babar de inveja –, o homem se esqueceu das águas, capazes de produzir luz e energia?

Passar: (L-T) na forma pronominal, com sujeito paciente expresso por nome designativo de tempo, significa decorrer, transcorrer. A metaforização para o campo semântico T assinala a *passagem* do tempo, reforçando o esquecimento do homem acerca da produção de energia.

(12) Como nossos governantes não são deuses, eles que *saiam* a *adejar* sobre as águas e tratem de construir mais hidrelétricas

Sair: (L) Prototipicamente locativo, significa ir ter, chegar, desviar, neste

caso, sair sem destino (e/ou meta).

Adejar: (L-) indica ação processo, significa perpassar, fazer mover-se. O efeito de sentido perspectivizado enfatiza a noção de *navegar* sobre as águas com vistas à construção de mais hidrelétricas.

(13) Foi assim que começamos a nos *livrar* dos apagões desde o começo do mundo.

Livrar: (L-E) indica ação processo, com sujeito agente e com dois complementos, um expreso por nome animado e outro, apagável, da forma de + nome, significa tornar livre, libertar, fazer escapar. Neste caso indica ação processo, na forma pronominal, com sujeito experienciador (representado por nós) e com complemento, apagável, da forma de + nome. Significa tornar-se livre, desvencilhar-se das conseqüências desagradáveis trazidas pelo apagão.

4. Considerações gerais

O estudo da locatividade assume importante papel na linguagem, devido ao seu dinamismo inerente ao processo interacional e, em se tratando de enunciados da mídia impressa, a investigação parece vislumbrar, além da curiosidade natural relativa ao processo de análise do corpus, o apagão, um interesse especial devido ao marketing nacional, justificado pela emergência produtiva da nuance de sentido dos verbos/predicadores locativos.

As instâncias enunciativas subjazem aos efeitos de sentido produzidos pelas relações semânticas, que compreendem percursos que transitam do sentido básico, à metaforização e a virtuais/eventuais neologias de sentido, de que se ocupa a Gramática de Casos. O verbo é elemento central e articulado dos argumentos que, relacionados, conferem significação e expressividade discursiva às cenas enunciativas que se constituem. A significação perpassa diferentes percursos dialéticos e assimila outros componentes de ampliação; o lugar de **repouso** do sentido e de constituição de neologias é o enunciado, que se abriga no contexto e detém o imbricamento de fatores pragmático-discursivos.

Ao suscitar os pontos relativos à Gramática de Casos, em especial o caso L(locativo), pretendemos assinalar o delineamento das relações semânticas, que têm no verbo o ponto de referência mais expressivo.

Referências

- ANDERSON, J. M. *The grammar of case: towards a localist theory*. London: CUP, 1971.
- BORBA, F. S. *Gramática de valências*. São Paulo, mimeo, 1995.
- CARVALHO, M. B. *Uma introdução às gramáticas de casos*. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1986.
- CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- CHOMSKY, N. *Aspects of theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- COOK, W. A. S. J. *Case grammar: development of the matrix model (1970-8)*. Washington, D.C.: Georgetown University, 1970.
- _____. *Case grammar theory*. Washington, D.C.: Georgetown University, 1980.
- DUBOIS-CHARLIER, F. Avant-propos: les premiers articles de Fillmore. *Langages*, 38, 3-17, 1975.
- FILIPAK, F. *Teoria da metáfora*. Curitiba: HDV, 1984.
- FILLMORE, C. J. *The case for case: universals in linguistic theory*. Edited by Emmon Bach and Robert Harms. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1-88, 1968.
- _____. Some problems for case grammar. *Georgetown university round table on languages and linguistics*. Edited by Richard J. O'Brien, S. J. Washington, D. C.: Georgetown University, 35-56, 1971.
- _____. Pragmatics and the description of discourse. *Radical pragmatics*. Edited by Peter Cole. New York: Academic Press, 143-66, 1981.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- NICOLACÓPULOS, A. T. *A semantic analysis of portuguese predicatins: an introduction to case grammar*. Tese de Doutorado. Washington, D. C.: Georgetown University, 1981.
- _____. *Predicações de experimentação agentivas*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- NICOLACÓPULOS, A.T. et al. O modelo casual da UFSC: *Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul - CELSUL*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 1995.
- OLIVEIRA, A. A pragmática nas predicções: uma abordagem casual. *GEL*. Campinas: UNICAMP, mimeo, 1996.
- _____. *A constituição do sentido: básico e metafórico*. Florianópolis: UFSC, mimeo, 1995.
- OLIVEIRA, M. G. A. *Predicações polissêmicas e metafóricas: uma abordagem semântico-pragmática*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 1995.

UNILETRAS 24, DEZEMBRO 2002